



É oficial: Ucrânia e Moldova são os novos países candidatos à adesão à UE

Decisão “não é um acto de fé”, disse Costa, apesar de este ser um caminho muito longo. Scholz sublinhou a importância de reformas internas para a União prosseguir o alargamento

Rita Siza, Bruxelas

em discussão, nem hesitação, os chefes de Estado e de Governo da União Europeia aprovaram as conclusões do Conselho Europeu em que reconhecem a “perspectiva europeia” da Ucrânia, da República da Moldova e da Geórgia. “O futuro destes países e dos seus cidadãos reside no seio da União Europeia”, confirmaram os líderes europeus, que, tal como o esperado, também decidiram conceder o estatuto de país candidato à adesão à Ucrânia e à Moldova.

“Este é um momento histórico no plano geopolítico e um passo decisivo para a União Europeia”, declarou o presidente do Conselho Europeu, Charles Michel. “Parabéns ao Presidente Volodymyr Zelensky e à Presidente Maia Sandu, e ao povo da Ucrânia e da Moldova. Hoje começam o vosso caminho em direcção à UE”, escreveu, no Twitter.

“Este é um dia bom para a Europa”, acrescentou a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, numa breve mensagem. “Esta é uma decisão que nos fortalece a todos. Fortalece a Ucrânia, a Moldova e a Geórgia, face ao imperialismo russo. E fortalece a UE, porque mostra mais uma vez ao mundo que estamos unidos e fortes face às

ameaças externas”, acrescentou a líder do executivo comunitário.

Numa rápida conferência de imprensa, durante uma curta pausa antes do início do jantar de trabalho, também o Presidente de França, Emmanuel Macron, congratulou a UE pela sua “decisão histórica” de conceder o estatuto de país candidato à Ucrânia. “Devíamos isso ao povo ucraniano”, considerou Macron, que não teve qualquer pejo em classificar o acordo entre os 27 como um “gesto político” relacionado com o actual contexto de agressão pela Rússia.

Pelo seu lado, o primeiro-ministro, António Costa, repetiu que a Comissão Europeia, que é a entidade independente responsável por avaliar a observância das regras definidas para o processo de alargamento, confirmou que a candidatura ucraniana cumpria todos os critérios técnicos para receber a aprovação dos líderes. “Não é um acto de fé.”

O primeiro-ministro da Bélgica, Alexander De Croo, salientou o “simbolismo” do sinal que os 27 dão à Ucrânia: ao seu Governo, mas, sobretudo, à população, que em 2014 saiu em força à rua para rejeitar o domínio de Moscovo e reivindicar a integração na União Europeia, e desde o dia 24 de Fevereiro combate as forças invasoras da Rússia.

Ao mesmo tempo, o líder belga lembrou que a concessão do estatuto de país candidato é apenas a primeira etapa de uma corrida de fundo. “Sejamos claros: para a Ucrânia, isto é o princípio de um longo caminho, que implica inúmeras reformas, e vai demorar muito tempo”, disse. Quanto tempo, ninguém sabe.

“Em cada trincheira”

Numa chamada em videoconferência para a sala do Conselho Europeu, o Presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, fez questão de explicar aos 27 a importância da sua decisão. “Temos a bandeira europeia a voar



Este é um momento histórico e um passo decisivo para a União Europeia

Charles Michel
Presidente do Conselho Europeu

em cada cidade, em cada trincheira do país. E a bandeira da UE continuará a voar alto na fase da reconstrução”, afirmou Zelensky, que agradeceu aos chefes de Estado e de Governo, individualmente, pelo seu apoio à integração da Ucrânia.

Numa breve troca com o líder ucraniano, o primeiro-ministro, António Costa, repetiu que Portugal “reforçará a cooperação bilateral, designadamente no apoio técnico e no apoio ao processo de candidatura” – que, segundo garantiram as autoridades ucranianas, não deixará de prosseguir, apesar do contexto de guerra no país.

Como tem destacado, António Costa considerou que a “atribuição deste estatuto de candidato à Ucrânia e à Moldova constituiu uma enorme responsabilidade para a União Europeia, de não criar falsas expectativas nem de gerar frustrações que necessariamente terão um amargo futuro na nossa relação”.

“No passado e no presente, temos pago um custo elevado na credibilidade da União Europeia por essa gestão de expectativas”, lamentou.

Por isso, no final do primeiro dia de trabalhos do Conselho Europeu todos levaram TPC para fazer nos próximos meses... ou anos. Os Estados da UE, que vão ter de rever o seu *modus operandi* antes de voltar a abrir o clube a novos membros, e



Costa falou da importância de não frustrar as expectativas da Ucrânia, o mesmo de que se queixa o líder da Macedónia do Norte



os países candidatos – um grupo que, além da Ucrânia e Moldova, inclui os países dos Balcãs Ocidentais – que só com progressos mais tangíveis nas reformas exigidas por Bruxelas poderão fazer avançar as negociações para aderir ao bloco.

Como assinalaram vários líderes, nomeadamente o presidente do Governo de Espanha, Pedro Sánchez, a resposta positiva da UE aos pedidos de adesão apresentados pela Ucrânia e as outras duas antigas repúblicas soviéticas que também estão debaixo da ameaça da Rússia obriga os 27 a “revitalizar” o processo de alargamento, e a rever os seus próprios procedimentos.

Arquitectura institucional

“Não podemos deixar de reflectir sobre as reformas internas que temos inevitavelmente de promover para sermos capazes de acomodar novos membros”, concordou o chanceler da Alemanha, Olaf Scholz.

“Neste processo de candidatura não temos só de verificar que a Ucrânia, a Moldova e os outros eventuais candidatos venham a preencher os requisitos, também é preciso que a UE se prepare para preencher os requisitos para o poder acolher”, considerou António Costa, acrescentando que “isso significa repensar a nossa arquitectura institucional e orçamental, de forma a que esse

processo de integração seja um caso de sucesso e não um factor de enfraquecimento da UE e de frustração dos próprios países candidatos”.

O primeiro-ministro apontou a “desilusão” e “frustração” manifestadas durante a manhã pelos líderes dos países dos Balcãs Ocidentais por causa da lentidão com que têm avançado as respectivas candidaturas à entrada na UE.

“A Ucrânia, que é um país que está em guerra, com um povo que está a sofrer com a invasão bárbara por parte da Rússia, é o último país que a União Europeia pode frustrar nas suas expectativas”, frisou.

“Foi um facto histórico, e seguramente uma grande surpresa para o senhor Putin, que desde 24 de Fevereiro a UE tenha sido capaz de mostrar uma unidade extraordinária no apoio à Ucrânia, sem nunca se fracturar”, sublinhou António Costa, que classificou o regime de Moscovo como “um desafio global”.

Na reunião do Conselho Europeu, os líderes reafirmaram o seu compromisso em apoiar a Ucrânia em várias dimensões: com um programa de assistência financeira que permita a Kiev manter a administração pública em funcionamento; com o apoio militar que permita às forças ucranianas derrotar os invasores russos; e com o financiamento da reconstrução do país depois da guerra.

Dia 120 da Invasão

Alemanha decreta “crise” do gás

A Alemanha decretou que está numa situação de “crise” de fornecimento de gás, com o ministro da Economia, Robert Habeck, a activar o segundo grau de um plano de abastecimento iniciado em Março, após a invasão da Ucrânia. O terceiro e último grau inclui racionamento de gás. A Alemanha está a receber menos de 60% do gás russo que o normal através do gasoduto *Nord Stream 1* desde a semana passada — a Rússia diz que são problemas técnicos, a Alemanha diz que são políticos. O porta-voz do Kremlin, Dmitry Peskov, disse que a Rússia é um fornecedor de energia confiável para a Europa e “cumpre rigorosamente todas as suas obrigações”, repetindo que Berlim sabia do calendário de reparações no gasoduto.

Rússia avança em Lugansk e Donetsk

A Rússia continua o seu avanço nas regiões de Lugansk e Donetsk. Na primeira, as tropas ucranianas poderão ter de retirar da linha da frente oriental da cidade de Lisichansk para evitar ficarem cercadas, e em Severodonetsk, a Ucrânia negou que as suas tropas estivessem já cercadas e isoladas, conseguindo ainda receber armas e retirar feridos. A retirada das tropas ucranianas das duas últimas cidades ainda controladas por Kiev deixarão a Rússia mais perto de controlar toda a região de Lugansk. Em Donetsk, a Ucrânia diz controlar cerca de 45% da região, onde 112 cidades e aldeias estão neste momento sem fornecimento de electricidade ou gás.



Lamentos e críticas a Bruxelas

Balcãs Ocidentais criticam lentidão nas negociações de adesão

Rita Siza, Bruxelas

Ao longe não se via, mas abundavam os sorrisos amarelos na habitual fotografia de família tirada no fim de uma cimeira informal entre os líderes da União Europeia e dos países dos Balcãs Ocidentais.

Um deles era o do primeiro-ministro da Albânia, Edi Rama, que recorreu ao Twitter para exprimir a frustração após a enésima reunião de alto nível que não produziu resultados práticos nem terá nenhuma consequência concreta para as pretensões europeias do seu país, e da vizinha Macedónia do Norte, que aguardam há mais de dois anos que a Bulgária levante o veto que impede o arranque das negociações de adesão.

“Lugar simpático, pessoas simpáticas, palavras simpáticas, e imaginem só como tudo seria ainda mais simpático se às promessas se seguissem acções simpáticas”, legendou o líder albanês, na foto dos participantes na cimeira UE-Balcãs Ocidentais – que se prolongou por quatro horas, em vez das duas horas previstas para uma “discussão abrangente sobre os actuais desafios geoestratégicos” na Europa, que foi como uma fonte europeia resumiu a agenda.

O encontro foi convocado pelo presidente do Conselho Europeu para fazer prova da unidade e determinação dos líderes europeus em levar avante o processo de alargamento que engloba a expansão da UE para os Balcãs Ocidentais: no momento, descrito como “histórico”, em que os 27 abrem a porta do clube à Ucrânia e Moldova, Charles Michel queria enviar uma “mensagem de apoio claro e inequívoco” aos países da região de que o seu futuro pertence à UE.

“Os Balcãs Ocidentais são uma prioridade para nós”, garantiu o presidente do Conselho Europeu.

Mas essa não é de todo a percepção dos líderes dos Balcãs, que à chegada para a reunião questionaram o compromisso da UE com o alargamento à região e lamentaram a falta de resposta de Bruxelas às suas pretensões de fazer avançar as conversações para a desejada entrada no clube.

“Vou ser muito directo: o que está a acontecer agora é um problema grave e um duro golpe na credibilidade da UE”, afirmou o primeiro-ministro da Macedónia do Norte, Dimitar Kovacevski, que não poupou nas críticas à posição da Bulgária, mas também dos restantes Estados-membros,

incluindo a França, que assumiu o papel de mediadora na disputa entre Sófia e Skopje.

“É bom que seja dado o estatuto [de país candidato à UE] à Ucrânia, mas espero que o povo ucraniano não se encha de ilusões”, avisou Edi Rama, lembrando que os países dos Balcãs estão à espera que o processo de adesão avance – sem nenhum sucesso. “A Macedónia do Norte é candidata há 17 anos, se não me perdi nas contas. A Albânia há oito. Por isso, boas-vindas à Ucrânia, e boa sorte”, ironizou o dirigente albanês.

À chegada para a reunião, a presidente do Kosovo, Vjosa Osmani, fez questão de distinguir as queixas dos países dos Balcãs do seu apoio à integração da Ucrânia e Moldova, que “merecem porque mostraram o seu compromisso com os valores europeus”. “Espero é que a UE compreenda que nós também merecemos avançar”, reforçou, lembrando os esforços desenvolvidos por todos os países na sua aproximação ao bloco europeu.

“A Macedónia do Norte é candidata há 17 anos. A Albânia há oito. Boas-vindas à Ucrânia e boa sorte”, ironizou o chefe de Governo da Albânia

E “a nossa região também tem importância geoestratégica e política”, prosseguiu Vjosa Osmani, alertando para os perigos da “desatenção” ou “desinteresse” da UE, que abre um vazio que pode ser ocupado por outros “actores malignos”, designou, numa referência à pressão que a Rússia tem exercido para aumentar a sua influência na região.

A Presidente do Kosovo apontou o dedo ao comportamento da Sérvia, que não reconhece a independência do seu país e que até agora se nega a alinhar com as sanções da UE contra a Rússia. Uma postura que, na sua opinião, prejudica a perspectiva europeia dos restantes países dos Balcãs. O Presidente da Sérvia, Aleksander Vucic, negou que Belgrado esteja desalinhado com a UE na sua condenação da guerra da Rússia e no apoio à Ucrânia.



LASKI DIFFUSION/LIAISON

Joana Gonçalves

Há 20 anos, enganou os oligarcas que nele julgaram ver um meio para manter o poder. A bandeira do combate à corrupção, que lhe garantiu popularidade no primeiro mandato, rapidamente caiu por terra. E em 2022, contra a expectativa de muitos, iniciou um conflito armado que despertou o fantasma, há muito temido, da guerra na Europa.

Nos últimos meses, habituámo-nos à presença constante desta figura na esfera pública. A par com Volodymyr Zelensky, é o homem que marca a agenda política diária. Quatro meses depois do início da guerra na Ucrânia, mantém-se a dúvida sobre que passo dará a seguir. Quem é afinal Vladimir Putin?

O Presidente russo faz parte de uma geração que nasceu no rescaldo da Segunda Guerra Mundial e cuja memória o empurrou para uma generosa devoção patriótica. Da recordação colectiva destaca-se uma figura portuguesa. “Salazar, no início do mandato de Putin, era um estadista muito estudado na Rússia e escreveu-se muito sobre ele”, lembra José Milhazes.

Para o jornalista e antigo correspondente do PÚBLICO na União Soviética (mais tarde Federação Russa), são evidentes as semelhanças entre o regime de Putin e o “corporativismo de Salazar”.

Um dos traços que os aproximam é a narrativa imperialista. “Nós passámos por uma fase destas quando tínhamos um império colonial”, defende o comentador de política internacional. Nas duas décadas de poder, Putin foi testando os limites da vontade expansionista, que materializou a 24 de Fevereiro de 2022, com a invasão da Ucrânia. “Mas se o antigo império português era ultramarino, o império soviético era adjacente, o que aguça essa mentalidade imperialista e colonialista. E daí, neste momento, ressurgiram essas ideias de reconstituir o Império Russo e de proteger os russófonos em todo o mundo”, adianta.

O passado no KGB e a relação com a oligarquia

Putin nasceu em 1952 na cidade de Leninegrado, actual São Petersburgo. Na União Soviética dominava um sentimento nacionalista, alimentado por uma feroz máquina de propaganda. Quando completou 16 anos, estreou-se no país um filme emitido em quatro episódios, *O Escudo e a Espada*. A obra, sobre um agente secreto ao serviço do Estado, inspirou-o a juntar-se ao KGB, em 1975. “É claro que a experiência no KGB foi muito importante. Muitos dos



Fez-se líder de uma Rússia lançada no caos pós-soviético. Ex-espião do KGB, já disse que o fim da URSS foi a “maior catástrofe geopolítica do século”. A biografia de Putin revela um político imperialista, para quem os fins justificam os meios

Quem é Putin?



Retrato do homem que enganou o mundo

quadros que vieram ajudá-lo a implantar o actual sistema ditatorial saíram dos serviços secretos soviéticos”, explica Milhazes.

Os 16 anos no KGB são conhecidos e a imagem do agente secreto que subiu a escada de poder até ao degrau máximo foi promovida pelo próprio. “Mas devemos sublinhar que Putin não era nenhum superespão. Era um cinzentão, um funcionário [banal]”, defende. É ao serviço do KGB, na cidade alemã de Dresden, que Putin assiste, em 1989, à queda do Muro de Berlim e dois anos depois ao fim da União Soviética, que mais tarde apelidaria de “maior desastre geopolítico do século”.

Boris Ieltsin assumiu, então, o poder. Nos anos seguintes, dominou “o caos quase total”. Fizeram-se privatizações “selvagens realizadas pelos oligarcas que compraram a propriedade pública por dois tostões”. Houve “grande instabilidade” no sector da Defesa. Proliferaram redes de crime organizado.

Foi neste contexto particularmente difícil, com uma transição económica marcada por uma captura do Estado e das suas instituições, que Putin assumiu a liderança do país, em 1999. Predominava um discurso centrado no combate à nova classe social instalada: a oligarquia. Mas a bandeira de campanha rapidamente caiu ao chão. “No exercício do combate à corrupção, inicialmente veiculado, vamos assistir a uma alteração das oligarquias. Putin vai trazer para próximo de si aquilo que nós chamamos *siloviki*, que são pessoas que desenvolveram a sua actividade profissional também na área da segurança, não só do KGB, mas também de outras forças de segurança na Rússia e que têm uma forma de olhar a realidade e a sua visão do mundo é um pouco diferenciada”, afirma Maria Raquel Freire, investigadora do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.

Putin iniciou, então, um processo de negociação com os oligarcas. A interferência nos processos políticos foi a linha vermelha e Mikhail Khodorkovski, ex-proprietário da petrolífera Yukos, marcou a viragem nesta dinâmica. Depois de ter financiado a campanha de dois partidos opostos ao regime, surgiram os primeiros rumores da intenção de o empresário avançar com uma candidatura à presidência, nas eleições seguintes. As ambições políticas foram eliminadas com a detenção do milionário em 2003. Seguiu-se uma série de detenções de figuras influentes no quadro económico russo e com elas os primeiros movimentos de protesto contra a Administração vigente.

“Estavam Medvedev e Putin numa cervejaria”

No início do primeiro mandato de Putin, a Tchetchénia atravessava um



Uma foto de turma datada de 1966, em São Petersburgo: Putin é o segundo a partir da esquerda na fila de cima

Vladimir Putin aos 18 anos, numa foto tipo passe tirada na sua cidade natal, São Petersburgo

Putin com Anatoly Sobchak (à direita), antigo autarca de São Petersburgo, em 1993



período de crescente violência. Em Setembro de 1999, Moscovo foi palco de uma série de explosões em apartamentos russos, que resultaram na morte de 367 civis. Em resposta aos acontecimentos, o Presidente russo iniciou uma alteração na narrativa da segurança interna. “Aqueles que eram os independentistas, os secessionistas, vão passar a ser os terroristas”, adianta Raquel Freire.

Esta mudança de estratégia coincidiu com o ataque do 11 de Setembro, em Nova Iorque, e o início da guerra global contra o terror. Putin foi o primeiro líder político a ligar a George W. Bush, num gesto de apoio e demonstração de solidariedade, na sequência do atentado às torres gémeas. O chefe de Estado conquistou, então, a opinião pública e garantiu maior margem para lidar com o conflito russo-tchetcheno, pelos meios que entendia, longe de críticas à violação de direitos humanos. No processo, morreram 16 mil guerrilheiros e mais de 25 mil civis.

Mas se a resposta à guerra na Tchetchénia, que em menos de um ano regressou ao domínio da Federação Russa, lhe valeu um salto de popularidade, o mesmo não se pode dizer de um outro episódio, que marcou o início da vida política de Vladimir Putin. Em Agosto de 2000, o submarino russo *Kursk* afundou-se, durante um exercício militar. Não houve sobreviventes. Morreram 118 marinheiros a bordo. “Quando Larry King, da CNN, lhe perguntou o que tinha acontecido ao *Kursk*, ele disse: ‘Afundou-se.’ Ele estava a passar férias no mar Negro quando aquilo aconteceu e não veio para Moscovo quando soube o que se estava a passar. Ai já temos os primeiros indícios de quem era realmente Putin”, recorda Milhazes.

Na sequência da tragédia do *Kursk* e numa tentativa de controlar as críticas à governação, iniciou-se no país

“**Putin não era nenhum superespão. Era um cinzentão, um funcionário [banal]**”

José Milhazes
Jornalista e comentador de política internacional

um processo de “estatização” dos meios de comunicação social. Os canais televisivos passaram, gradualmente, do controlo dos oligarcas para o domínio estatal. Putin conseguiu, assim, garantir o cargo e superar este episódio sem abalos no poder.

No período que se seguiu e ainda sob a bandeira antiterrorista, as relações entre o Ocidente e a Rússia melhoraram. Mas, em 2008, o quadro voltou a mudar. Forças russas invadiram a Geórgia, antigo território soviético, e o mundo uniu-se num gesto de condenação à intervenção militar no país vizinho. Dimitri Medvedev era, na altura, Presidente. Depois de dois mandatos consecutivos, Putin foi obrigado a abandonar o cargo, sem nunca deixar de manter a participação política. Assumiu durante quatro anos a pasta de primeiro-ministro.

A propósito deste período de transição, Milhazes recorda uma anedota que se contava na Rússia, antes de se ter iniciado a guerra na Ucrânia. “Estavam Medvedev e Putin sentados numa cervejaria, no ano 2040, a beber uma cerveja, e a

determinada altura Putin perguntou a Medvedev: “Olha lá, tu agora és Presidente ou primeiro-ministro? É que eu já me esqueci.” Para o jornalista, “Medvedev era uma pessoa que lhe garantia o regresso e que estava sob controlo. Só isso.” Uma tese que é rejeitada pela académica da Universidade de Coimbra: “Dizer simplesmente que Medvedev é um peão parece-me demasiado injusto, no sentido em que houve momentos de discordância entre os dois.”

A maior divergência ocorreu em 2011, quando Medvedev, contra a vontade de Putin, votou no Conselho de Segurança da ONU a favor de uma intervenção humanitária na Líbia. Em 2012, Putin venceu as eleições presidenciais e regressou ao cargo máximo da Rússia.

“A máquina do ditador falhou”

Em Fevereiro de 2022, o Presidente russo concretizou a narrativa imperialista que vinha a construir nas últimas duas décadas de poder e invadiu a Ucrânia. Num alegado gesto de defesa face a uma previsível actuação militar da NATO, Putin foi brindado com a resposta de um Ocidente reforçado. “O senhor Putin merece ser condecorado pela NATO rapidamente e pelos países que fazem parte da Aliança Atlântica, porque ele fez o impossível. Se o objectivo dele ao invadir a Ucrânia era não permitir o alargamento da NATO, qual é o resultado que ele tem? Tem mais mil e 300 quilómetros de fronteira com a NATO. É só isso”, diz o antigo correspondente do PÚBLICO.

A guerra que se iniciou há quatro meses reforçou os laços dos Estados-membros da União Europeia e motivou uma onda de protestos por todo o mundo. “É certo que na Rússia há vozes descontentes e, portanto, Putin não é um líder extremamente popular neste momento e parece que a tendência será para uma diminuição eventual da sua popularidade”, garante Raquel Freire.

Para José Milhazes, é evidente que “a máquina do ditador falhou”. “E aqui nós vamos à história e vemos sempre uma. Um caso que é: quando uma ditadura pede guerra, normalmente cai, logo a seguir, e eu receio que isso vá acontecer na Rússia. Não sei quem vem substituí-lo. Pode ser um pior. E esse cenário é impressionante.”

Use este QR code para ver o vídeo sobre Vladimir Putin



EUROMILHÕES
A crível excêntrico de um dia para o outro

161 MILHÕES ESTA SEXTA-FEIRA

CINFÃES NEWS
JÚLIO FONSECA
DECRETA FERIADO
ÀS SEXTAS-FEIRAS

JOGOS SANTACASA

Abrir portas onde se erguem muros

Director: Manuel Carvalho Sexta-feira, 24 de Junho de 2022 • Ano XXXIII • n.º 11.744 • Diário • Ed. Lisboa • Assinaturas 808 200 095 • 2€



Público

“
Este é um dia bom para a Europa
Ursula von der Leyen
Ucrânia e Moldova já são candidatos à adesão à UE

Destaque, 2 a 5 e Editorial

Número de baixas quase duplica e passa os dois milhões entre Janeiro e Maio

Nos primeiros cinco meses do ano foram atribuídas mais 912.626 baixas médicas do que em igual período de 2021. Só até Maio, o Estado desembolsou 617 milhões de euros em prestações de doença **Sociedade, 18**

Setúbal
Criança foi sinalizada por estar em risco na família

CPCJ identificou ambiente familiar que punha em causa bem estar da criança. Caso chegou ao MP em Janeiro de 2020 **Sociedade, 14**

Ípsilon
O jornalismo diminuído na mais difícil das suas artes

Parlamento
AR tenta acabar com “negócio” na lei da nacionalidade

Deputados entenderam-se para trabalhar na especialidade os oito projectos de alteração à lei da nacionalidade **Política, 10**

idealista

A app imobiliária líder em Portugal